

Ética e cultura

Hugo Leonardo Ribeiro

Apresentação

Sempre que se discute a abordagem antropológica em determinada sociedade, um dos temas principais é a conduta ética do pesquisador, tendo como cerne a influência do *outsider*¹ na sociedade em questão, pouco importando uma atitude passiva ou ativa.

Segundo o dicionário Michaelis, ética é o “conjunto de princípios morais que se devem observar no exercício de uma profissão”, e no mesmo dicionário podemos constatar que moral é o que “procede conforme a honestidade e à justiça, que tem bons costumes ou; diz-se de tudo que é decente, educativo e instrutivo”. Porém, tais definições são totalmente subjetivas, sendo subjugados aos conceitos de moral, bondade, justiça etc..., que existe em cada cultura. O conceito de cultura a que estou me referindo diz respeito ao “conhecimento que a sociedade, povo ou nação, tem da realidade e à maneira como o expressam”. (Santos; 1994:37)

O que vou discutir aqui faz referência à conduta do estudioso (principalmente das ciências sociais e áreas afins), confrontando suas crenças às das sociedades estudadas, interferindo ativamente no comportamento das mesmas. Para tanto pretendo abordar a subjetividade dos conceitos sociais aos quais nos limitamos, entre eles o de cultura, bondade e outros; questionando o que é inato e o que é aprendido numa reflexão sobre uma possível reestruturação da personalidade do indivíduo mesmo dentro de sua sociedade natural.

Cultura

Cultura segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico é o “conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os

¹ Nesse caso optarei por usar os termos *outsider* e *insider*, ao invés dos termos ético e êmico evitando uma má interpretação dos mesmos.

aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc...” Mas, José Luis dos Santos nos alerta que:

“A avaliação de cada cultura e do conjunto das culturas existentes varia de acordo com a cultura particular da qual se efetue a observação e análise (...). Verifica-se assim que a observação de culturas alheias se faz segundo pontos de vista definidos pela cultura do observador, (...), ou seja, segundo essa visão, na avaliação de culturas e traços culturais tudo é relativo”. (1994:16)

Logo, qualquer avaliação que se faça de outra cultura será influenciada pela do próprio questionador, não sendo dessa forma imparcial. Na verdade, existe alguma necessidade de se avaliar uma cultura? Não bastaria simplesmente descrevê-la? Veremos, no entanto, que mesmo a mais precisa etnografia poderá deixar passar informações importantes que não despertaram a atenção do pesquisador.

Inato e adquirido

Quando pensamos em cultura como conhecimento adquirido, não podemos deixar de pensar sobre as características do indivíduo que são inatas ao ser humano, e as que são culturalmente aprendidas.

Podemos crer que reações instintivas como o ato de mamar do recém-nascido, o riso e o choro sejam características inatas ao ser humano. Mas, sendo o motivo pelo qual se ri ou se chora, e quase todos os atos instintivos como o próprio receio à morte, moldados culturalmente, nos resta saber o que não é afetado pela educação social. Na visão sociológica de Charles Cooley e George Herbert Mead “os seres humanos nascem inacabados: a natureza humana é aprendida; nosso próprio ser resulta da interação com os outros”. (Citado por Scharon; 1999:6)

Tal situação nos remete ao que é pessoal, o caráter essencial e exclusivo do indivíduo; a personalidade. Ela realmente existe? Se existe, como podemos distinguir o que é próprio à personalidade do indivíduo e o que foi socialmente aprendido? E, se todas as ações e reações humanas são aprendidas de acordo com a cultura do indivíduo, seria possível que ele questionasse ou até mesmo negasse sua cultura de origem? E se o faz, o que o leva a tal atitude?

Voltarei a tais questões mais adiante, por enquanto gostaria de rever ainda outros conceitos pertinentes ao problema.

Pluralidade Cultural: opções

A possibilidade de escolha é possivelmente uma das maravilhas da pluralidade cultural existente no mundo e, apesar das fronteiras geopolíticas não nos permitirem o ir e vir livremente entre culturas diversas, a troca de informações e os estudos antropológicos nos possibilita conhecê-las em nossa casa quase tão bem quanto se fôssemos *in loco*. O problema surge quando a escolha parte de uma identificação imposta pelos meios de comunicação e a propaganda massiva² sobre determinados estilos de vida.

Santos, ao discorrer sobre o desenvolvimento das preocupações com cultura no século XIX, relacionando-o com o expansionismo europeu diz:

“Lembrem-se que as potências européias encontravam-se então em marcado processo de expansão, incorporando nações e territórios em outros continentes e submetendo suas populações a seu mando político e militar. A discussão sobre cultura estava ligada às preocupações de entender os povos e nações que se subjulgava (...) Nesse sentido as preocupações com cultura contribuíram para delimitar intelectualmente a posição internacional do Ocidente”. (1994:30-1)

A história da civilização ocidental está repleta de exemplos onde a antropofagia cultural está acompanhada pelo domínio militar e econômico. Mas, com a estabilização das demarcações geopolíticas, surgiu uma nova forma de domínio econômico ditado através do marketing cultural ou indústria cultural.

Apesar da cultura não se limitar ao conteúdo que é transmitido pela comunicação de massa, essa é um forte instrumento de dominação e controle social. Um bom exemplo é o conhecido *American Way of Life*, tão difundido pela mídia eletrônica como a melhor forma de desfrutar a vida, com seus valores e formas de comportamentos. Dentro de nosso contexto social ainda posso listar as revistas que funcionam como promoção social, que ao exibir socialites cujos valores já são influenciados por outras culturas (vide França, Suíça, EUA...), acabam por ditar maneiras de se vestir e viver que só são compatíveis à indivíduos da mesma classe econômica a toda uma sociedade que vive às margens desse exibicionismo.

Dessa forma, há uma troca de valores dentro de determinadas classes sociais as quais, como resultado da falta de acesso à informação educacional e a não valorização de sua identidade cultural, acredita que determinados costumes de outras culturas são mais válidos

² *Over marketing.*

que seus próprios. Ao percebermos essa desvalorização cultural aliada a uma desigualdade social é que entendemos a importância da busca de uma identidade própria, cujos valores não são melhores ou piores do que o do próximo, são simplesmente diferentes.

Liberdade de escolha?

Logo, o que se percebe é opções existem, só necessitamos conhecê-las para então termos a liberdade de escolher que caminho que devemos trilhar. Mas, tais opções devem ser imparciais³ (se é que isto seja possível), e estar disponível a todos que desejarem ter acesso a elas. E quanto a determinados grupos sociais e/ou raciais que se auto-segregam. Como os filhos dessa sociedade vão optar por algo na qual eles sequer sabem da existência? E quanto à indústria cultural que impõe seus valores a toda uma massa cujo único fator de união às vezes é uma língua comum, como evitar sua influência na escolha pessoal?

Uma possível resposta seria uma educação baseada nas raízes de sua cultura, porém, com um olhar crítico sobre a mesma. Ou seja, ensinar as pessoas a pensar, questionar e aprender a tomar suas próprias decisões, sem simplesmente aceitar toda e qualquer crença e/ou comportamento cultural com único e verdadeiro, entendendo o porque das pessoas de sua sociedade agirem ou vestirem como o fazem.

Creio que, em toda e qualquer sociedade os cidadãos devem ter direito ao conhecimento mínimo durante sua formação como indivíduo, uma formação que os faça refletir sobre suas atitudes para então, segundo sua personalidade, seguir os caminhos que acha mais coerente e verdadeiro.

Porém, não seria essa atitude de fazer refletir, questionar, em si mesma o resultado um modelo cultural?

Conhecimento e poder

A preocupação com a educação é parte importante da cultura de um povo, pois saber significa poder. Assim sendo, o conhecimento muitas vezes é retido em esferas da sociedade que se perpetuam no poder, controlando quem está apto ou não a participar de determinados eventos sociais.

³ Entenda-se a não adjetivação e agregação de valores pessoais.

Um exemplo disso pode ser visto em várias tribos indígenas brasileiras, nas quais é vetado às mulheres qualquer tipo de comando, enquanto que outras sociedades africanas são tradicionalmente matriarcais. Ou, num exemplo mais próximo podemos lembrar da falta de investimento em educação em determinadas regiões brasileiras (tais como o nordeste), para não atrapalhar a famosa indústria da seca. Mas o que de fato leva tais sociedades a assumirem esse padrão de conduta? Será que é permitido o questionamento sobre tais líderes ou tais atitudes, ou isso é um fato imutável?

O conhecimento faz com que o indivíduo pense mais sobre sua posição social e, se for permitido a todos os membros de uma sociedade o acesso irrestrito a todo o tipo de conhecimento e informação, sabendo que para haver ordem é necessária alguma forma de liderança, possivelmente isso traria discórdia e lutas pelo poder, pois se sabe que um dos grandes defeitos do ser humano é a vaidade e que em princípio está interligada com o egocentrismo. E se a desigualdade social está presente em todas as formas de sociedade, o foco deve ser então no que a gera e no que ela se baseia para existir.

Quando falo em questionar tais condutas, falo em criar uma consciência coletiva onde se exijam direitos iguais. Utilizar dogmas sociais para esconder interesses pessoais é no mínimo estar ludibriando toda uma sociedade. Sob essa égide devemos procurar pela verdade.

Fé e comportamento

A questão principal aqui é a fé religiosa, que por ser algo essencialmente abstrato não pode ser questionado sob o risco de deixar de existir.

Quem tem fé em determinadas doutrinas religiosas, irá certamente agir de formas não óbvias para o cético, e poderá deixar de fazer certas práticas sem nenhuma explicação lógica, como por exemplo, a impossibilidade das mulheres de sequer ver as flautas utilizadas em cerimônias de iniciação masculina de algumas tribos indígenas brasileiras; ou a negação à sexualidade para os praticantes de certas correntes protestantes.

Segundo Seeger:

“(...) Os Suyá também não quiseram cantar duas de suas canções, porque o próprio ato de tocá-las num gravador representava uma ameaça à aldeia, pois provocaria o ataque de índios inimigos (...)”. (sd:40)

Apesar de grande parte dos dogmas⁴ religiosos somente terem sentido em si próprio, muitos são utilizados como forma de manipulação e dominação social. E, sabendo que sua aceitação social faz parte da educação cultural do indivíduo, uma vez que este tivesse uma educação na qual ele pudesse questionar seus próprios valores, não seria possível então que ele enxergasse suas próprias limitações, e então tentasse ampliá-las como uma tentativa de transformação?

A ética do pesquisador

Se a cultura não pode ser vista como estática, pois está em constante mutação influenciada principalmente pela sua relação com outras culturas, como podemos então avaliar a questão ética da influência de um pesquisador em uma sociedade?

Sabemos que a própria presença do antropólogo muda o comportamento de uma tribo, mesmo que seja somente durante sua presença.

Malinowski relata:

“Com o passar do tempo, acostumados a ver-me constantemente, dia após dia, os nativos deixaram de demonstrar curiosidade ou alarma em relação à minha pessoa nem se sentiam tolhidos com minha presença – deixei de representar um elemento perturbador na vida tribal que devia estudar, alterando-a com minha aproximação, como sempre acontece com um estranho em qualquer comunidade selvagem”. (1976:21)

Seeger comenta sua experiência com os Suyá:

“A procura de uma pessoa para responder às minhas perguntas era muito difícil e eu não gostava de me impor, pois, quando se sentem pressionados, os Suyá são mestres em circunlóquios, e, quando famintos, não se interessam em dar longas respostas às perguntas”. (sd:37)

Em qualquer grupo social um estranho será afastado e discriminado, tornando sua atitude transformadora ativa uma tarefa árdua. Vemos que a mais simples influência passiva já torna difícil o relacionamento entre o estudioso e a sociedade estudada, mas quanto à influência ativa, quando o estudioso questiona suas crenças, sua estrutura familiar e política? Seria possível que isso ocorresse dentro de grupos fechados como os judeus ou muçulmanos? E seria isso realmente antiético?

⁴ Em seu sentido mais amplo, como o fundamento de qualquer sistema ou doutrina.

Porque?

Um dos problemas desse tipo de atitude está em sua própria finalidade, mais que em seus resultados.

Há anos, pesquisas vêm sendo utilizadas para conhecer e controlar determinadas classes sociais. O uso político da pesquisa científica social desgastou sua imagem, e até mesmo sua credibilidade. Os conhecimentos adquiridos foram diversas vezes utilizados contra os colaboradores e, diante dessa situação, é lógico que alguém pergunte o porquê da influência ativa do antropólogo nas sociedades estudadas.

Primeiro, é preciso que se perca a falsa impressão de que minorias sociais são indefesas e inocentes. É sabido que qualquer grupo social tem seus códigos de conduta e representações com as quais se identificam, e se permanecem assim é porque existem fatores internos que os unem mais fortes do que as influências exteriores.

Segundo, tal influência não tem cunho de dominação político nem econômica, mas serviria como uma troca de informações. Se a pluralidade cultural só é válida se levarmos em conta a interação entre elas, tal atitude pode ser considerada como uma troca cultural onde, se o questionamento de um *outsider* levar à uma reflexão sobre suas atitudes, e tal reflexão significar uma melhoria nas relações sociais então houve uma evolução, o que por si só é de grande valia.

Terceiro, como toda relação antropológica é de certa forma egoísta⁵, a troca de informações sobre pontos de vista diferentes, sobre outras formas de se vestir e de se comportar pode ser um retorno em forma de um novo conhecimento à sociedade estudada. Lembrando que só é possível escolher caminhos diferentes se nos for dada opções.

Também penso sobre uma possível desconstrução do aprendizado social, através do reconhecimento de normas sociais em suas atitudes pessoais, questionando se é válido agir de determinada maneira. E com uma linha de pensamento lógica mudar sua forma de agir e interagir socialmente.

Por último, estas questões abordadas são frutos exclusivos da mente de um indivíduo, com os mesmos limites que qualquer outro indivíduo de outra cultura, portanto, podendo ser resultado de um tipo de educação cultural que como tal pode ser questionada por qualquer um.

⁵ Pense nesse termo tendo em vista que grande parte das pesquisas antropológicas tem como finalidade a obtenção de um grau de mestre ou doutor para o pesquisador, ou faz parte de um projeto ao qual o estudioso está sendo pago para estar naquela situação.

Bibliografia

Dicionário Eletrônico Michaelis. Versão 5.0 – janeiro de 1998.

Lacerda, Carlos Augusto, ed. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Versão 3.0 – novembro de 1999.

Malinowski, Bronislaw. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores.

São Paulo: Abril.

Santos, José Luis dos. 1994. *O que é Cultura*. 14^o edição. Coleção Primeiros Passos – 110.

São Paulo: Brasiliense.

Seeger, Anthony. 1996. “Ethnomusicologists, Archives, Professional Organizations, and the Shifting Ethics of Intellectual Property”. In *Yearbook for Traditional Music*. Pp. 87-105.

Seeger, Anthony. Sd. *Os índios e nós*. Rio de Janeiro: Campus. Pp.25-40.

Slobin, Mark. 1992. “Ethical Issues”. In *Ethnomusicology – An Introduction*. Helen Meyers, ed. New York, London: . Pp. 329-36.